



Alfredo Eidelsztein: A minha impressão é que muitos dos casos de análises efectuadas por analistas que não funcionam, a maior parte deles não funcionam devido a problemas que proponho conceber em torno da procura de análises. Para ser franco: proponho que a procura de análises e a sua má gestão é uma das causas fundamentais para que as análises não funcionem. Antes de começar a propor o que entendo por demanda de análise, que me parece ser uma frase que para todos nós faz parte do conjunto de frases com as quais nos movemos na clínica, mas se escanearmos um pouco do que lemos ou vimos publicado, há pouco publicado sobre a demanda de análise. Vou tentar desenvolver o que entendo por demanda de análise, mas antes vou tentar propor idéias que não são muito importantes, mas que para mim estão implicadas no porquê de nós analistas nos posicionarmos de uma determinada maneira, de não operarmos adequadamente com a demanda de análise.

Em primeiro lugar, parece-me que tem a ver com o facto de que tomamos como certo, tomamos como existente em todos os casos de consulta com um psicanalista, ou seja, assumimos que se nos oferecemos como analistas na cidade, quem nos consulta está a fazer um pedido de análise, porque o que é que se vai pedir a um psicanalista enquanto psicanalista? O problema aqui é que partimos de um preconceito e esse preconceito está na nossa condição, porque acreditamos que nos posicionamos continuamente como psicanalistas só porque alguém nos chama ao telefone.

A segunda razão que me parece funcionar para não considerar adequadamente a questão da procura de análise é o facto de não a considerarmos fundamental. Não consideramos que haja algo de fundamental com que lidar.

Em terceiro lugar, que penso que começa a ser uma razão importante, sobre a qual vou tentar desenvolver algo hoje, é que pensamos que confundimos a função da procura de análise com a do desejo de análise. Em todo o caso, se não confundimos a procura de análise com o desejo de análise e os consideramos coisas diferentes, assumimos que o desejo de análise é muito mais importante do que a procura de análise, porque para nós o desejo é muito melhor do que a procura de análise. Gostaria de me pronunciar sobre isto e propor que, para aquilo de que estamos a falar, não há desejo de análise, não há desejo de análise, ninguém nos consulta porque tem um desejo de análise, mesmo que seja dito como um desejo de se analisar a si próprio, ou seja, o desejo de ninguém pode ser o desejo de se analisar a si próprio. A noção de desejo com que trabalhamos na teoria lacaniana não nos permite fazer essa articulação e eu vou dar-vos a primeira articulação que é superficial, é superficial, depois vamos aprofundar: Seria como dizer que estaríamos a confundir a viagem de autocarro para ir de férias com férias; estaríamos a confundir o veículo para ir a um destino com o destino, o destino de uma análise é esclarecer a posição que cada um tem em relação ao desejo, a condição particular do desejo e qual é o problema que esse alguém tem com o seu desejo, que o ato que corresponde ao seu desejo não lhe é acessível. Dizer que alguém que recebe análise seria alguém que realizou o seu desejo, que produziu o ato do seu desejo consultando o analista, é um paradoxo evidente se reservarmos o "desejo" tal como vos proponho na teoria psicanalítica. No entanto, vou propor uma segunda volta ao problema do desejo de análise porque verão que, quando acabar de explicar o que preparei, acabarei por afirmar que há um desejo de análise mas numa outra posição.

Para todos nós, parece-me que é evidente que os psicanalistas de todas as escolas e de todas as décadas - é notável como isto perdura - que a psicanálise só pode ser dada pela lógica do seu início e do seu fim, e usamos a metáfora freudiana de que é como o xadrez, que só pode ser priorizada, publicada, discutida sobre aberturas e fechamentos. Mas, na realidade, parece-me que isto tem dois problemas, que me parecem verdadeiros: o primeiro é que, embora se diga isto, não se diz *o que* é. Diz-se: "da psicanálise". Diz-se: "da psicanálise só podem ser dadas as teorias de seus começos e de seus fins", mas não se diz o que é, diz-se que pode ser dito, minha impressão é que não se diz o que é; e me parece que há outro problema que não está claramente dito, mas que é óbvio, vocês viram o que acontece conosco, sujeitos humanos falantes, com o que é óbvio, mas não é dito? e é que não há fim possível se as aberturas não são produzidas. Por outras palavras, a abertura é a condição do fim: para que haja um fim da análise, tem de haver a abertura da análise, não o encontro de uma pessoa com alguém que estudou psicologia na universidade. Agora, o que eu começo a esboçar como problemas ligados à exigência de análise está ligado ao que para mim é outro problema e que é qual a posição que todos nós assumimos em geral, se é possível falar assim, eu acho sempre conveniente poder falar assim: falar de cada caso mas produzir a fração teórica que nos permite falar de... A Argentina, eu sou dos que acreditam que tem um certo valor, pode-se dizer *"as coisas estão mal na Argentina"* apesar de eu não chupar o dedo e saber que nos últimos anos 4 ou 5 se saíram espetacularmente bem, que as piores semanas da Argentina para 35.000.000 de giles (nós) foram excelentes para 2 ou 3 tipos que liquidaram passivos: Macri nessa semana ganhou mil milhões de dólares; na Argentina ganhar mil milhões de dólares de um dia para o outro está bem. Apesar disso, acho que ainda é válido, a ordem simbólica nos autoriza a falar de "Ocidente", de "Argentina", acho que ainda é válido e me parece que ainda é válido tentar estabelecer se há ou não uma ideologia dominante na psicanálise do que consiste o trabalho do analista; há um problema em torno dessa posição que me parece trazer consigo o problema de como colocar em forma a demanda de análise, e qual é? Primeiro, há um: alguns psicanalistas acreditam, e alguns não psicanalistas também, que a função do psicanalista é escutar, que se trata de escutar. Parece-me que Foucault comete o maior erro quando opõe a clínica do olhar do médico à clínica da escuta, que é a do analista, podemos perdoar-lhe porque ele não sabia muito de psicanálise, não tinha razão para saber, porque a clínica do analista não é uma clínica da escuta e, mais infelizmente ainda, os médicos praticam uma técnica do olhar, eles vêem o que é o desespero quando o médico não nos escuta, eles vêem que descoberta é encontrar alguém que diz: *"diz-me o que se passa contigo"*, diz-se: *"ah ... Estou salvo, alguém que me vai ouvir"*. O problema dos médicos no Ocidente é que eles não escutam, eles deveriam escutar, os analistas deveriam poder ler para não escutar, e isso traz um mundo: por exemplo, a comunicação de inconsciente a inconsciente exige que a posição do analista seja de escuta e não de leitura, a não ser que se chegue ao ponto de dizer que o inconsciente também lê, então o inconsciente é um homem moderno de Deus; Deus tem muitos nomes, um nome poderia ser e teríamos que ver se não é assim para muitos: o inconsciente. Suponhamos que concordam comigo que a posição do analista não é escutar, mas ler naquilo que escuta, se assim for, o que deve ler, qual é o stock, qual é o material em que deve ler, na medida em que há dois

posições essencialmente diferentes: uma sustenta que é o material tomado "caso a caso", mas não caso a caso no sentido de "o homem rato: um caso, o homem lobo: outro caso", não no sentido de "caso", no sentido clínico de caso mas "oportunidade a oportunidade", "sessão a sessão", que o analista lê "sessão a sessão" e é verdade que a sequência semanal das sessões é muito importante porque de facto a prática do analista terá visto que se tiver pacientes com uma regularidade de 1 ou 2 vezes por semana, 3 vezes por semana já não há, bom eu comecei com a ideia de que se fosse menos de 4 vezes por semana já não era uma análise, há 20 anos, já não era uma análise. Se tivermos doentes com uma regularidade de 1 ou 2 vezes por semana, 3 vezes por semana já não há, bem, eu comecei com a ideia de que se fosse menos de 4 vezes por semana já não era uma análise, há 20 anos. Agora já não há 3 e se alguém disser 3 a outra pessoa, essa pessoa diz: *"porquê, sou tão mau"*, é como se fossem 3 injeções por dia. É verdade que isto não é uma grande mudança, o que é uma grande mudança é se aceitamos ou não pacientes que vêm uma vez por quinzena, aceitaríamos pacientes que vêm uma vez por quinzena, bem, isso é fácil, e uma vez de quatro em quatro semanas, porque a sequência semanal é crucial, é muito importante, se quisermos levá-la a longo prazo, se não percebem o que quero dizer: aceitaríamos um paciente uma semana por ano, duas sessões por dia de segunda a sexta-feira, aceitaríamos um paciente uma semana por ano, duas sessões por dia de segunda a sexta-feira? Suponhamos que um psicanalista francês quer fazer uma análise com um de vós em Buenos Aires e que a sua única possibilidade é vir uma semana em julho e que teria duas sessões por dia, de segunda a sexta-feira, e que o tipo voltaria na segunda-feira seguinte, consideraria isso uma análise, é problemático. O que é mais frequente, aqueles de nós que têm vários pacientes, muitos deles partiram e dizem: *"como é que continuamos: por e-mail, por chat, por telefone?"*, é um problema que eu não queria trabalhar, é o da "presença ou efígie", estou apenas a falar da sequência. Tenho a impressão de que a frequência semanal é crucial, antes de mais, porque no Ocidente a cultura da medição do tempo é semanal, a sequência mais forte da medição do tempo no Ocidente judaico-cristão em que vivemos é semanal, Deus criou o mundo numa semana e descansou um dia. O corte é super significativo, não sei se sabes que para a religião que começa aí e para muitas outras derivadas dela, embora não todas, a festa religiosa mais importante é o descanso desse dia. Não sei se sabem que o Sabbath é mais importante do que o Yom Kippur e o Rosh Hashanah, não há feriado mais sagrado do que o Sabbath. Por isso, vê-se que a pausa a meio da semana é a coisa mais sagrada que existe.

Porque é que é muito importante para o psicanalista posicionar-se no "caso a caso", ou seja, "entrevista a entrevista"? Antes de mais, porque é necessária a posição de entrevista a entrevista, sessão a sessão, para poder digerir o real, porque o real é caracterizado por duas modalidades: uma é o acaso, o imprevisto, e não percebo como é que alguém é capaz de analisar uma semana por ano durante 6 ou 7 anos para digerir o real, suponhamos que ia na primeira semana de julho analisar-se a si próprio e no final de julho morria um familiar próximo, então estaria a falar disso 11 meses e 2 semanas depois. Não estou a ver como é que essa análise será capaz de digerir o acidente. A não ser que, bem, se mate o familiar que já estava em coma e, já agora, se diga à avó: *"anda lá, avó"*. O "caso a caso" também tem de ser considerado pelo real como repetição porque, acreditem ou não, o real em psicanálise caracteriza-se por duas propriedades contrárias: pelo imprevisto e pelo que repete. Mas como é que se pode contemplar o que se repete se não o fizermos uma e outra vez. Para que volte a ser o mesmo, a lógica da posição perante o discurso tem de o fazer de novo, não se pode considerar tudo em

SEMINÁRIO SOBRE QUESTÕES CLÍNICAS (24-04-03)

"A procura de análise". *Alfredo Eidelsztein*

continuidade, tem de se produzir um corte sessão a sessão. Finalmente, é imperativo trabalhar com o corte sessão a sessão, não por causa das duas manifestações do real, mas por causa do trabalho do inconsciente.

espaço para o advento do trabalho do inconsciente que está entre as sessões. O que eu estou a dizer é que já se pode saber o que pode vir na sessão seguinte sob a modalidade do real, ou seja, o que pode ter acontecido, pode-se supor que a sua intervenção foi desastrosa porque o paciente não veio à sessão seguinte e ele é daqueles que nunca faltam nem se atrasam e você acabou de fazer uma intervenção muito forte como pensava e o paciente não veio, então pode avaliar o que é que teve a ver com a intervenção e o que é que pode ter tido a ver com a intervenção e o que é que pode ter tido a ver com ela. Fez uma intervenção muito forte e o paciente não veio, então pode avaliar que teve alguma coisa a ver com a intervenção e pode acontecer que o tipo tenha vindo com o autocarro na 9 de julho, tenha capotado o autocarro e se tenha suicidado a caminho da sessão. Vocês riem, mas se a psicanálise não é capaz de digerir o real do acidente quando ele é um dos problemas fundamentais da neurose..., o problema fundamental da neurose é esta modalidade do real: *"porque é que tinha de ser eu"*, é uma das dimensões mais típicas para operar com o sofrimento *"porque é que sou filho único?"* *"por que tive 14 irmãos?"*, *"por que meu pai morreu ou não morreu?"*, *"por que justo nesse momento e não em outro?"*, é uma dimensão crucial; a repetição também, mas também fundamentalmente porque produz na escansão que permite o lugar onde se torna um *"quando saí da última vez não sabes o que me ocorreu"*. Porque um corte tem de ocorrer para o lugar onde entra o trabalho do inconsciente, por vezes surpreendentemente ocorre na mesma sessão: *"não sabes, com o que acabaste de dizer lembro-me que..."* mas reconhece que muitas vezes se aloja no intervalo entre sessão e sessão.

Esta é uma modalidade, há outra modalidade que se articula com esta porque é imperativa, que é um trabalho para além do caso individual. Aliás, eu digo "cada caso", estamos a falar de para além de cada caso; assim como para além de cada sessão, há um trabalho que está *"para além de cada sessão"*. Um problema é que há muitos psicanalistas, especialmente entre os lacanianos, que supõem que não existe tal trabalho, que todo o trabalho do analista é apenas um "caso a caso", e entendem que, se é apenas "caso a caso", nunca teríamos que nos encontrar para discutir, aprender ou estudar qualquer coisa. Proponho que há um valor no trabalho, que vale a pena estudar a neurose obsessiva e a histeria porque não é verdade que só o analista se posiciona caso a caso. Porque é que se argumenta que não há nada para além do trabalho sessão a sessão, caso a caso? Por vezes, o caso a caso desta lógica do "não há nada para além disso", manifesta-se na mesma sessão, por exemplo, ocorrência "a" do paciente: ocorrência "1" do analista, ocorrência "b" do paciente: ocorrência "2" do analista absolutamente tomada como outro caso. Dito de uma forma mais banal: *"ah, parece-me que tem a ver com a mãe"*, depois o paciente diz outra coisa e o analista diz *"parece-me que tem a ver com o pai"*. E poderíamos continuar assim, já que no fundo não haveria diferença se eu lhe dissesse na sessão seguinte: na primeira digo-lhe que tem a ver com a mãe e na seguinte que tem a ver com o pai: *"mas na semana passada disseste-me que tinha a ver com a minha mãe"* *"ah bem, isso é outro caso"*. Não sei porque é que se riem, porque isto é praticado em todo o lado. O que estou a propor é que o trabalho do analista seja uma atenção flutuante para a associação livre e a comunicação inconsciente-inconsciente. Critico-o no sentido de que é apenas isso e critico-o porque aqueles que o defendem dizem que qualquer trabalho para além do "caso a caso" implica pôr em funcionamento o saber do analista, não o saber do Seminário de Lacan, mas o saber do sujeito que é psicanalista e que o saber do psicanalista deve ficar suspenso para cada caso.

Cada caso como se não soubesse nada, portanto se sair da lógica do caso a caso está a posicionar-se como se soubesse, e se se posiciona como se soubesse, faz uma figura de A ou faz com que o sujeito seja constituído por um suposto saber, e essa direção da cura não é analítica. Essa é a crítica que se faz a quem se propõe trabalhar para além do caso a caso. Porque é que eu estava a falar disto? Porque só se pode dar forma à demanda se se trabalhar para além do caso a caso, em que outra sessão se dá forma à demanda, é um trabalho que vai para além da sessão a sessão, em cada sessão dizem-nos algo e nós respondemos algo, se fizermos algo para dar forma à demanda que vai para além da sessão a sessão. Ora, para mim é exatamente o contrário. Para mim, aqueles que dizem que o trabalho da psicanálise é exclusivamente este, é a razão pela qual para mim a análise é tão estéril, porque falamos durante 10 ou 15 anos sobre o que acontece a cada um de nós e não vamos a lado nenhum; não vamos a lado nenhum e toda a gente está feliz porque ninguém quer ir a lado nenhum, porque se fossem a lado nenhum sentir-se-iam mal como analistas porque saberiam para onde ir e o analista não tem de saber. A figura de A é mais forte do que nunca porque se supõe que é o próprio inconsciente do paciente que dirige a cura, que sabe para onde ir, ou seja, se associarmos "a" na primeira sessão e "b" na segunda sessão (o paciente) e "c" na terceira sessão, "a-b-c" é o caminho da análise, percebem que estamos a fazer com que o inconsciente tenha uma função teleológica, ou seja, que o inconsciente dirige algo porque sabe para onde vai. Neste sentido, volto a perguntar-vos se aqueles que trabalham desta forma não estão a conceber seriamente o inconsciente como uma nova modalidade de Deus. Porque seria uma ordem simbólica que sabe ela própria para onde vai. Seria como um castelhano que está a produzir mudanças que ele sabe que são dirigidas para o castelhano ser algo no século XXII que o castelhano já sabe. É pura psicose, é assim que a praticamos. Existe uma outra modalidade, que é o trabalho em paralelo com o trabalho sessão a sessão e que seria

A minha impressão como analista é que a análise "in toto", o conjunto das sessões e o trabalho que foi feito me impõe ir em direção a "b", se a associação que me ocorre como analista, de acordo com o que o paciente diz, é em direção a "a", tenho tendência a não o dizer, deixo-o em suspenso, imponho "b" a "a". Portanto, há um outro trabalho do analista, que é o de ler para além do caso a caso ou da sessão a sessão.

Em que consiste este além, na direção da cura? Esta é a direção da cura: a leitura do além sessão a sessão. Esta direção da cura tem fundamentalmente dois momentos, a direção da cura divide-se em dois grandes momentos: a entrada em análise, que hoje vou propor designar como a colocação em forma da procura, e o fim da análise como a passagem de analisante a analista. Se escutarem Lacan, verão como é forte esta proposta, de que a análise começa quando a demanda é posta em forma. É da conferência de Genebra sobre o sintoma, publicada por Manantial, outubro de 1975. Na verdade, Lacan utilizou "demanda de análise" três vezes, se dispuserem de uma ferramenta super cibernética para pesquisar a obra de Lacan, em espanhol encontrarão apenas uma vez, mas se pesquisarem em francês (e 95% da obra de Lacan pode ser descarregada da internet em francês) aparece três vezes. Vou propor-me trabalhar sobre a que aparece em espanhol. Diz:

"Devo dizer que, quando propus esta coisa (analysand, que é uma invenção de Lacan), estava apenas a parodiar - se me permitem a expressão, dado que toda uma tradição é da ordem da paródia - o termo analysand, que é corrente na língua inglesa. Não é certamente equivalente ao francês em sentido estrito. Analysand evoca antes o dever-ser-analisado e não era isso que eu queria dizer. O que eu queria dizer era que, em análise, aquele que trabalha é a pessoa que vem efetivamente dar forma a uma exigência de análise".

A pessoa que realmente consegue dar forma a uma demanda de análise é aquela que trabalha. Estávamos a dizer isto em termos do novo conceito que Lacan propôs, quem é o analisante? aquele que faz uma demanda de análise. A definição do analisante. Vocês sempre tiveram que o "analisante" tem a virtude, em relação ao paciente, de ser uma posição ativa, mas qual é a posição ativa, qual é o trabalho que tem de ser feito: produzir a demanda de análise.

"Desde que não a tenha colocado imediatamente no sofá, caso em que a coisa já está estragada".

Se deitarmos alguém num sofá antes de o trabalho que produz a procura de análise estar concluído, o que é que isso significa? Significa que se parte do princípio de que a procura de análise já existe e que ninguém vai trabalhar para fazer o que já existe e que a análise nunca vai começar, pelo que é garantido que nunca vai acabar.

"É essencial que esta exigência tenha realmente tomado forma antes de ser adiada.

Depois, há outras duas: *"Entrevista com a televisão belga"* e *"James Joyce como sintoma"*.

Portanto, a minha posição já está afirmada e propus uma citação de Lacan que sustenta a minha posição. Vamos ao que interessa: o que é a demanda de análise, para que possamos conceber o que significa colocar a demanda em forma para produzir a demanda de análise. Vou propor trabalhar, o mais rapidamente possível, primeiro a noção de demanda, que é uma palavra muito utilizada na psicanálise lacaniana, mas não com o estatuto de demanda, ou seja, não estamos tentando especificar seu uso, pois somos muito tomados pelo uso coloquial. Não sei se sabem que a demanda é um dos termos que passou da psicanálise francesa para toda a psicanálise; de facto, a "demanda" já era usada antes de Lacan, Lacan deu-lhe o estatuto de noção. Vou propor-lhes o que significa a demanda analítica, que trabalho deve ser feito para dar forma à demanda. Primeiro um pouco, o mínimo que posso reduzir, e é o que significa demanda em francês, porque é um termo que temos que tomar do francês. Basicamente dois significados: o primeiro tem 6 sub-significados, o primeiro destes 6 é: *"ação de exigir, de fazer saber a alguém o que se quer obter dele"*. Observem a entrada do outro, exigir implica outro e podem ver que já está articulado na linguagem como desejo. Para realizar um ato ligado ao desejo, é preciso oferecer uma exigência e esta é necessariamente a alguém. Depois há um uso que não é importante que é *"pedido de casamento"*; o terceiro é *"pedido"*; em

Quinto, usa-se também o *objeto da exigência*, o que se exige é também a exigência e o sexto é que há *uma posição no jogo de bridge*, há um movimento próprio deste jogo que se chama "fazer a exigência"; estes são os seis significados do primeiro. O segundo, antigo e pouco conhecido entre nós, data de 1673 e é usado como *"ação de exigir"* e destaco-o porque é *"procurar saber"*. Preparei uma lista de sinónimos franceses de "demand" a partir de vários dicionários franco-franceses para que fique bem versado no campo semântico. Como sinónimos de demanda temos primeiro: desejo; segundo: imploração, apelo, súplica; terceiro: pedido, exigência, ordem; usamos assim, viu? *"ela é uma mãe muito exigente"*, porque para nós a demanda em espanhol está muito ligada a fazer uma reclamação legal e a velhas mulheres que dão baile, a minha por exemplo seria uma mãe muito exigente mas não tem nada a ver com o conceito lacaniano de demanda porque o que é que nós queremos dizer com isso?

A minha mãe é muito desejosa ou muito balofa ou faz muitos pedidos de justiça? Estamos no uso dessa demanda e já é um uso muito degradado. Na psicanálise lacaniana, *"És muito exigente"* teria de ser um elogio, ou então...

Porque é que dizemos que a intervenção do analista é para o manter a falar, porque dizemos muitas frases que são totalmente contraditórias. "Chamada", "solicitação", "candidatura", "pedido", "oferta", "inquérito", "requisição", "conclusão", "interrogatório" e "pergunta", são todos significados de "demanda".

Noção de procura, já não "procura" da língua mas noção ou conceito, quando um termo é separado do conjunto dos seus significados na língua, é transformado no conjunto dos seus utilizadores na disciplina, não tendo em conta os usos na língua mas apenas o sistema de oposições que tem com outros conceitos. Para nós, será canónica a oposição necessidade-demanda-desejo, em que a procura adquire um valor no sistema de oposição com a necessidade e o desejo. Neste sentido, no dicionário de psicanálise de Kaufmann, que é excelente, não há nenhuma entrada para a procura, ou seja, ele não a considera um conceito, no dicionário de Roudinesco também não há nenhuma entrada, nem no dicionário de Laplanche e Pontalis, mas este é perdoado por ser antigo, mas não tão antigo porque Laplanche e Pontalis participaram nos seminários onde Lacan desenvolveu a necessidade-demanda e o desejo, O único onde ela aparece é no de Roland Chemama, onde há uma entrada e onde ele a coloca como *"a posição de dependência em que o sujeito é deixado com o outro devido ao facto de a necessidade ter de adquirir a dimensão de uma palavra no mundo humano"*. Ao contrário do mundo animal, no mundo humano a pessoa precisa de pôr as suas necessidades em palavras e, ao pôr as suas necessidades em palavras, fica dependente do outro. A noção de demanda serve justamente para dar conta dessa dependência do outro. Sabem do que esse sujeito está falando: da alienação, de uma forma que já criticamos muitas vezes, porque a entrada do outro em Lacan é pela separação, não pela alienação, e esse sujeito coloca "dependência do outro" onde na verdade é a liberação pela entrada do outro e é pela entrada do significante que ele confunde alienação e separação.

Lacan tem um uso da noção de demanda que está na aula XXVI de junho de 1958 do Seminário V, é a aula onde está o gráfico do desejo onde Lacan desenvolve a noção de neurose obsessiva através da noção de demanda de morte que é muito rara, ele é o único que o faz, em geral todos os autores falam de desejo de morte, Lacan nunca confunde desejo de morte com demanda de morte, para os obsessivos como eu aviso que em

Nessa conferência, Lacan usa a expressão "demanda de morte" quase 30 vezes, em uma hora e meia ele usou essa expressão 30 vezes, vocês podem ver que algo forte estava em jogo ali, ninguém retomou o assunto. Nessa conferência, Lacan diz:

"Vamos tentar ver as coisas mais de perto. Nesta neurose obsessiva, como em todas as neuroses, o que temos primeiro de fazer aparecer, precisamente porque não somos hipnotizadores, é que não curamos por sugestão, mas que é num ponto mais além que damos ao sujeito uma nomeação e nesse ponto, figurado aqui pela segunda linha, a superior, o horizonte da articulação significante, e aí o sujeito, como expliquei longamente da última vez, é confrontado com a sua demanda".

Portanto, o que se trata para o sujeito é de se ligar ao que ele diz, essa relação com o que o sujeito diz é o que a linha superior representa. O enunciado é um só, o enunciado é um só: *"Venho vê-lo por tal e tal motivo"*, o que poderia ser registado num gravador, é o enunciado, não tem nada a ver com a procura, não é a procura, a procura é o produto do aparecimento do sujeito na medida em que a pessoa que consulta está ligada ao que diz. Por exemplo, suponhamos que eu digo esta frase: "x, y, z" e digo o que me dá horror, então a relação do que eu digo é "horror", eu diria "mas isso dá-me horror". O sujeito surge quando há uma abertura entre o que ele diz e a posição que ele assume em relação ao que diz: o horizonte da articulação significante e aí o sujeito, como expliquei da última vez, é confrontado com a sua exigência. Isto é, o sujeito é confrontado com a sua exigência não pelo que diz, mas pela posição que assume em relação ao que diz.

Continuo porque é muito interessante:

"Esse nível do mandamento [vejam como ele passa de "demanda" a "mandamento", verão o trabalho que ele faz que é muito interessante] existe, existe a tal ponto que, na verdade, ele surge [ou seja, não é apenas o que dizemos, que ele existe, mas que ele surge]. Nas notas de Freud sobre o Homem dos Ratos - trata-se de um suplemento publicado na Standart Edition - vemos aparecer aí preciosos elementos cronológicos. O conteúdo obsessivo dos primeiros enunciados do sujeito se refere a ordens que ele recebe: "Você fará seu exame antes de tal e tal data", ou o que aconteceria se ele recebesse a ordem, ele diz: "Você cortará sua garganta".

A piada é que, para ele, teria de ser ele a fazê-lo, percebem? para dizer o mesmo que a mulher do homem-rato diria: *"achas que uma coisa estúpida que te ocorre é uma coisa estúpida que tens de fazer", nunca vos ocorreu matarem-se? "Se isso me acontecesse, matava-me"* e aconteceu-vos *"e depois vou ter de me matar porque disse isso?"*, não, isso é uma posição, se quiserem nesta posição poderíamos ter o diagnóstico de neurose obsessiva: a neurose obsessiva são aquelas pessoas que têm uma posição em relação ao que dizem: torna-se um mandamento para elas.

Intervenção: para além disso, esta opção dos outros pisos abre a possibilidade de confronto, mesmo topologicamente, ao estar noutro sítio há essa questão do confronto.

SEMINÁRIO SOBRE QUESTÕES CLÍNICAS (24-04-03)
"A procura de análise". *Alfredo Eidelsztein*

A.E.: Como diz, mas vejamos mais de perto o confronto, ou seja, o espaço entre os dois.

"Noutro contexto, estes mandamentos também aparecem nos psicóticos que os recebem e é um ponto cego na classificação da psicose saber até que ponto eles os obedecem".

É muito interessante, o tipo que é clínico diz *"mas isto também acontece com os psicóticos"*. O problema, diz ele, é que na psicose há um ponto cego e é até que ponto eles obedecem, *"Lic. se isto continua eu mato-me"*, o que é que eles fazem? sabem se se vão matar ou não? não, não podem saber, é um ponto cego. Na neurose obsessiva, nós sabemos, não se mata, nem sequer se chupa, se um doente diz *"ocorre-me que vou agarrar nas criollitas e cortar os pulsos"*.

Se ele não faz nada, olha se ele vai fazer só isso, ele é um covarde.... Mas é um ponto cego na psicose, como é que se sabe? É o problema clínico, há muita casuística que diz que eles fazem isso.

"A autonomia desta função no horizonte da relação do sujeito com a palavra do mandamento é fundamental."

Autónoma ou não, na neurose obsessiva apresenta-se como autónoma, começa a ser uma entidade autónoma, o sujeito já não a gere, *"agora que o disse, tenho de o fazer"*, que idiota!

"Este mandamento pode ficar velado, fragmentado e, na nossa obsessão, a culpa aparece aos bocados, por isso, onde é que o vamos colocar?"

A culpa, como diria o Sr. de La Palice, é uma exigência sentida como uma interdição e é comum que seja percebida como tal, tudo é afogado no termo interdição..."

Ele critica Freud: "o que acontece é que vem de um interdito e é o retorno do interdito", por isso Lacan diz que o problema fundamental da relação do sujeito com a procura é espezinhado pelo problema do retorno do interdito.

"... uma vez que a noção de procura é iludida, elas parecem andar juntas".

Onde é que a noção de procura foi iludida? Por outras palavras, se não se trabalhar com a noção de procura, tudo será necessariamente julgado como proibido ou não proibido. É proibido, é re-proibido e, na perversão, já é re-proibido. Toda essa lógica é a lógica freudiana do interdito porque ele trabalha com a interdição do incesto, não com o desejo do desejo e a metáfora paterna. Portanto, vêem que há uma noção de procura, e não basta dizer...

(mudança de cassete)

Por exemplo, as crianças dizem-nos que não somos donos do que dizemos: *"não vamos ao cinema?"*, *"não Carlitos, está a chover"*, *"mas tu disseste-me"*, com o que nos dizem categoricamente que nos consideram devedores do que dizemos.

Assim, temos a noção de demanda, que é a posição que se assume em relação ao que se diz e não o conteúdo material do dizer, e fismos um atributo muito importante, que é o de envolver o outro.

Agora gostaria de vos amolecer o ouvido com a exigência inconsciente, porque também considero que há um problema e que é o facto de que, como o dito é sempre inconsciente, ou seja, não há desejo consciente, a lógica dual que está muito na moda neste momento, o psicanalista que mais desenvolveu a lógica dual no nosso mundo lacaniano, J. A. Miller, propõe que todo o ensino de Lacan é monista. Trata-se de uma contradição total. Ele diz que Lacan procura a mónada e que ela é fundamentalmente a pulsão, que a pulsão é unitária para Lacan enquanto que para Freud ela é múltipla.

Neste sistema de oposições, se o desejo é sempre inconsciente, então a demanda se apresentará como consciente, e se, além disso, é o que se diz, então o que se diz é necessariamente consciente. Entendem o que estamos a trabalhar: a enunciação e o enunciado? A demanda já implica o posicionamento de confronto com o que é dito, é por isso que pode haver uma colocação em forma, é por isso que para nós a colocação em forma é adquirida pela estrutura do gráfico do desejo como um mínimo e não o dizer ao pé da letra. Aqueles que trabalham "sessão por sessão" trabalham muito com o ditado "ao pé da letra". Mas com o ditado tomado à letra, onde é que se coloca a posição que o orador assume em relação ao que está a dizer, não há lugar para a colocar, não há lugar para a colocar.

Seminário VIII "A transferência", classe XIV, 15 de março de 1961, escolhi-o para si. ouvir que Lacan fala de demanda inconsciente:

"É na medida em que acreditamos que podemos responder à procura que estamos em condições de compreender. Sobre a procura, no entanto, sabemos um pouco mais do que esta abordagem imediata".

O que é a abordagem imediata, para entender: *"Por favor, posso tomar um refrigerante"*, dá-se refrigerante. O que acontece é que, se dermos refrigerante a alguém que nos pede refrigerante, não tomámos a "procura" no sentido da "noção de procura" de Lacan, obviamente para muitos que pensam que foi assim que a oposição falhada mas muito interessante da palavra vazia e da palavra cheia evoluiu corretamente, então a palavra cheia que não existe é levantada como procura.

Andrea Leiro: então, não responder ao pedido seria: *"posso ir à casa de banho: não", "posso beber um copo de água: não"*.

A.E.: Claro, e ao fim de 3 minutos interrompe-se a sessão para que ele aprenda, porque ele é neurótico.

"É precisamente nisto que sabemos, nomeadamente que a exigência não é explícita, que é ainda mais implícita, que está escondida do sujeito, que é como se tivesse de ser interpretada".

Assim, quando uma pessoa nos consulta, independentemente do que nos dizem, não podemos começar por considerar que a pessoa tem a mínima ideia do que está a pedir, temos de determinar o que ela está a pedir e, além disso, nós também não. E assim

a primeira tarefa do analista é estabelecer o que é procurado no que é pedido, mas não pelo desejo, já lá chegarei.

"E é aí que reside a ambiguidade, na medida em que nós, que o interpretamos [note-se o problema: é clínico], respondemos à exigência inconsciente ao nível de um discurso que para nós é um discurso concreto."

Percebem que o problema é que se interpretarmos a exigência e como a exigência é implícita, se uma exigência é fundamentalmente implícita perante o conteúdo particular de cada uma delas, o que é que a exigência exige se for implícita: ser interpretada. O que é que uma mensagem encriptada exige antes de mais: ser descriptada. O problema de não responder à exigência é dizer não ao que as pessoas pedem, mas temos de ver se é possível não responder à exigência no sentido da noção de uma exigência que não é implícita, porque necessariamente para podermos dizer algo sobre ela temos de a interpretar e ao interpretá-la estamos a responder à exigência.

"É aí que está o preconceito, a armadilha, e que tentamos sempre da mesma forma deslizar para esta suposição, esta captura de que a nossa resposta, o sujeito deve de alguma forma ficar satisfeito com o que trazemos à tona através da nossa resposta, algo com que ele deve estar satisfeito."

Percebem a armadilha em que nós, analistas, podemos cair: supor que ao interpretar a demanda o sujeito deve ficar satisfeito, mas como a demanda é inconsciente, é implícita, requer interpretação. Nós respondemos à demanda interpretando-a, então teríamos que ter a ressalva de que não devemos deixar o sujeito satisfeito porque se o fizéssemos estaríamos respondendo à demanda. Não responder à demanda é, então, deixar como resto da interpretação um traço de insatisfação na posição do analisante. Lacan opera com a "demanda" como essencialmente inconsciente, o que significa que se o desejo é inconsciente, então a demanda, como noção psicanalítica, também é necessariamente inconsciente.

Mais um passo para verem que as oposições não são assim tão fáceis de produzir. Quando preparo estas intervenções que faço aqui na Aperture, calculo o estado que poderão adquirir neste momento se forem mais ou menos semelhantes à média dos psicanalistas que conheço na cidade, portanto o problema que encontro e que quero atacar agora é que receio que digam *"ah, claro, inconsciente é a demanda inconsciente porque o desejo é inefável"*, o problema é que se agora a demanda é inconsciente, qual é o stock de desejo, diriam: *"já vos tinha dito isso"*, diriam: *"já vos tinha dito isso"*, diriam: *"já vos tinha dito isso"*, diriam: *"já vos tinha dito isso"*.

J.A. Miller, o desejo é o inefável".

A entrevista de Paolo Caruso nas entrevistas com Levi-Strauss, Foucault e Lacan publicadas pela Anagrama em 1967 (as três são lindas); uma parte da entrevista com Lacan diz Paolo Caruso:

- *Imporia, portanto, desta forma, as relações entre o vivido e o lógico?*

Lacan: Creio que a substância do vivido é o lógico e este famoso "vivido" no fundo é uma noção de como dizê-lo ...

- *É abstrato?*

Lacan: Bem, até certo ponto. Sim, ela se presta a todo tipo de abusos.

- *Na medida em que se refere a algo inefável, inexprimível em termos lógicos.*

Vêm para onde corremos: o vivido, o lógico, o tipo que fala com Lacan diz: "o abstrato" e já existe o inefável. É um caminho que no Ocidente percorremos em três minutos. Vejam o que Lacan diz sobre o inefável:

Lacan: "Estou pronto a admitir o inefável. Vivemos no inefável, mas se ele é inefável, não falemos dele. Tomemos como exemplo o desejo, há toda uma dialética do desejo e da procura, não importa que não se possa articular ao seu nível fenomenal, que é absolutamente vincutivo: não há nada tão insistente como o desejo, trata-se de saber para que serve. Cheguei até aqui, tenho uma teoria que explica para que serve o desejo. É uma escada que nos permite subir e ultrapassar os limites impostos pelo princípio do prazer".

O desejo é uma pequena máquina que permite a alguns de nós ultrapassar o princípio do prazer, caso contrário permaneceríamos no princípio do prazer e nisso seríamos animais. Não somos animais porque ultrapassamos o princípio do prazer, o que é que nos permite ultrapassar: o desejo.

"Mas não basta que o desejo não seja inefável por natureza, e não é realmente inefável a partir do momento em que procura apenas a sua própria teorização: mil coisas são feitas para sugerir o que é o nosso desejo, ...".

Por outras palavras, não há nada que procure ser dito mais do que o desejo. Em geral, muitos lacanianos dizem que é justamente por isso que ele é inefável.

"... digamos que inarticulável na sua especificidade para todos".

Sabes, não se pode dizer o que uma mulher quer, embora Freud tenha dito que ela queria filhos. Não sei como é que as mulheres se dão tão bem.... O que as raparigas querem como sujeitos na vida são "filhos", a equação pénis-filhos é uma catástrofe. O que Lacan diz é que não se pode dizer que o desejo é, se ele tem algo de inefável, se ele tem algo de inarticulável, ele é na medida em que encontra sua especificidade para cada um:

"O facto de não ser articulável não implica que não seja articulado; pelo contrário, está suspenso em articulações que surgem noutra lugar ao nível da procura".

Ele quer dizer que em psicanálise trabalhamos com a demanda e o além da demanda, mas tendemos a acreditar que Lacan quer dizer que trabalhamos com a demanda, o que o sujeito diz, e seu além, que é o desejo. Não. Para que o que chamamos de "desejo" se realize, é necessário que a demanda se realize, e o que é a demanda: a posição que uma pessoa assume em relação ao que diz. Assim, em psicanálise, a demanda é sempre inconsciente: *"que se diga, esquece-se por trás do que se diz no que se entende"*. Esse "que se diga" não é o desejo, é a demanda.

Agora, um pequeno desenvolvimento em torno do que precisamos de dizer sobre o "stock" da procura (até agora não dissemos qual é a sua materialidade) para depois acabarmos de dizer o que entendo que a transformação da procura implica para que se torne uma procura de análise: a colocação em forma da procura para que esta se torne analítica.

A demanda é uma cadeia significativa do Outro que se repete. Vou trabalhar sobre esta fórmula. Estou a falar da sua materialidade, da stopa, do que é a sua substância.

"Cadeia": por "cadeia" proponho que se trata de uma linha fechada que em topologia concebemos como uma linha fechada de Jordan e que na teoria de Lacan implica a articulação s_1, s_2 . Por exemplo: para que haja demanda, deve haver uma cadeia significativa do Outro que se repete, mas quando se cumpre a primeira exigência, que é "cadeia", por exemplo: "cadeia", "cadeia", "cadeia", "cadeia", "cadeia", "cadeia", "cadeia", "cadeia", "cadeia", "cadeia". suponhamos que estou a um nível superior, não ao que a pessoa me diz, mas ao que nós interpretamos que ela diz: *"Venho falar consigo porque me separei"*, suponhamos que a pessoa vem ao analista com a ideia de que perdeu o emprego, depois de várias entrevistas verifica-se que na realidade tinha perdido o emprego há três anos e que para além disso vive de rendas que lhe vão permitir continuar a viver mais 40 anos e que na realidade na semana passada se separou, então a pessoa pode concluir "no trabalho que foi feito", poder-se-ia dizer: *"e porque é que lhe faz tão mal ter perdido o emprego?"* Isso não é responder à procura, isso não é trabalhar com a procura, isso é trabalhar com o enunciado, é isso que os médicos deviam fazer, trabalhar com os enunciados, mas os médicos nem sequer ouvem os enunciados. Suponhamos que nas entrevistas é porque "ele se separou", já teríamos a cadeia, não, porque eu proponho que *"eu venho vê-lo porque eu me separei"*, aí *"eu me separei"* vale s_1 , precisamos de s_2 para coerência do valor de s_1 , ou seja, para fazer um loop.

No outro dia aconteceu-me o seguinte: estava a correr com um grupo de amigos e um deles separou-se, veio à minha frente e disse: "Separei-me", eu não sabia o que lhe dizer, *"ah ... bem, lamento"*, e ele disse: *"não há boludo, estou muito feliz"*. *bem, peço desculpa*, e ele diz-me: *"não há boludo, estou muito contente"*. Ou seja, eu não tinha trabalhado como analista, graças a Deus, vi-me identificado, sabe-se lá o que tinha pensado e apercebi-me que aquela frase, toda ela, era uma cadeia e na realidade eu tinha sido confrontado com um único elemento. É isso que é preciso autorizar: que em psicanálise um significativo não é uma cadeia de fonemas, por vezes também requer vários significantes da linguística postos a funcionar. Assim, *"vim ver-te, não porque perdi o emprego, mas porque me separei"*, falta o s_2 : *"e isso deixa-me muito triste"*, pelo menos é o que Lacan escreve: s_1, s_2 . O que vos quero dizer é que não percam de vista o facto de que o elemento de que partimos é um elo, é um anel em todo o caso, nunca um significativo, não podemos trabalhar com 1 significativo, não tem valor como elemento para nós, não sabemos o que fazer. Se eu disser que a procura implica uma cadeia, o que estou a dizer? que preciso de pelo menos mais um anel. O que estou a

propor é que se

ele separou-se e ficou triste, isso tem a ver com outra cena, a outra cena em que *"separar-se"* é estabelecido como algo triste. Não sabemos muito bem o que significa *"alguém triste"*: *"vejo-te bem"* - *"estou uma merda, estou triste"* - *"ah, não dá para perceber"*, como é que se percebe? o que é que é triste? O que estou a dizer é que a associação entre *"separei-me"* e o valor que adquire para que haja uma procura tem de haver pelo menos uma *"cadeia"*, o que Lacan define em Instância da letra como *"englobamento crescente"*: *"anéis cujo colar é selado no anel de outro colar feito de anéis"*. Se não se tem essa estrutura, não se tem a possibilidade de estabelecer a demanda: é preciso primeiro estabelecer o que é o s_1 em questão, não era *"perda de trabalho ou desemprego"*, era *"separação"*. O que s_1 queria dizer é conseguido pela ligação com s_2 , agora o facto de s_1 querer dizer isso na sua relação com s_2 não pode ser algo que venha das propriedades de s_1 ou de s_2 , porque como são significantes não significam nada, vêm de outra cena, e é por isso que é necessário um sistema mínimo de dois laços s_1, s_2 , por isso é que eu digo *"cadeia"*.

"Significante": fundamentalmente aqui o valor do significante é querer dizer, portanto o significante sob a lógica do querer dizer, nunca devemos esquecer que *"a"* não pode dizê-lo, o significante quer dizê-lo mas não pode dizê-lo. Viram a definição no dicionário: *um termo que quer dizer*, quer dizê-lo mas não pode dizê-lo. Mas ao mesmo tempo, em relação a qualquer significante tomado como palavra, como *"vaca"*: se *"vaca"* significa *"a mulher do touro"*, significa-o mas não o pode dizer, mas ao mesmo tempo o facto de dizermos *"significa"*, significa que significa outra coisa.

"Do Outro": e aqui proponho usar o genitivo nos dois sentidos. Eles são ditos pelo Outro e ditos sobre o Outro. Além disso, isto tem de ter uma estrutura de repetição. O abraço s_1, s_2 , a que chamamos *"a"* a s_1, s_2 , a que chamamos *"b"*, ou seja, a cadeia *"a-b"*, tem de ser **repetida** para que haja uma procura.

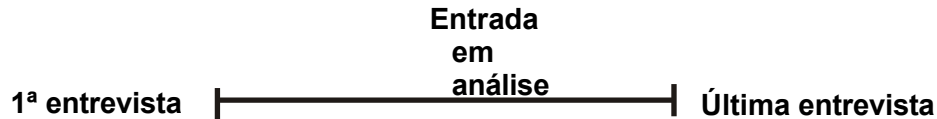
Note-se que isto é o que consideramos ser uma grande parte do trabalho de uma análise. É por esta razão (a de que se repete) que, quando publiquei o livro sobre o grafo do desejo, propus fechá-lo para que ali se inscrevesse que nesta repetição se produz algo da natureza do fechamento. *"Cadeia significativa do Outro que se repete"* é um trabalho que vai além da *"sessão a sessão"*, as questões que motivam o trabalho que o susto produz, são questões que vão além da sessão a sessão. Se não se faz esse trabalho para além da sessão, na minha opinião, nunca se terá a demanda inconsciente.

"Colocação em forma": parece-me óbvio que a frase *"colocação em forma da demanda"* é *"colocação analítica em forma da demanda"*. Sem dúvida que na vida quotidiana, em relações subjectivas de grande significado, também temos de ser capazes de ler a procura inconsciente. Os maiores erros que cometemos nas relações de alta significação subjectiva para nós não é fundamentalmente quando deixamos de ler a procura e respondemos ao que supostamente era a procura, quando uma pessoa diz: *"mas foi o que pediste"*, *"não, idiota, foi o que eu te disse, não percebeste que eu te disse para não o fazeres?"* Estão a foder e ele diz-lhe: *"nunca me vais trair com uma amiga, vá lá..."*, apanha-a a foder com uma amiga e ela diz: *"foi o que pediste"*, o que é que o tipo estava a pedir? Porque ele estava a pedir uma coisa: que ela falasse com ele sobre foder outro gajo enquanto fodiam, era isso que ele estava a pedir, não que ela fodesse com ele. Parece muito longe da vida quotidiana, nunca tiveste uma situação destas?

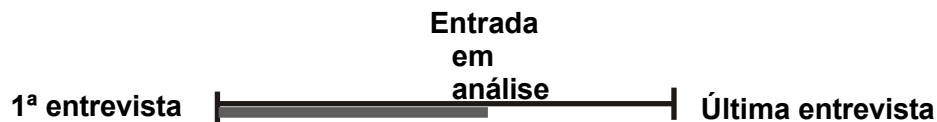
A única maneira de sair deste problema é dizer "que histérica", ela diz uma coisa e quer outra. A única maneira de sair deste problema é dizer, "que histérica, ela diz uma coisa e quer outra". Não, quem disse que o que se quer está no texto registável do que se diz? Ninguém disse. Quando um ministro da economia na Argentina diz na televisão nacional: *"para o bem-estar de todos..."*, vamos cagar porque vais levar uma tareia imediatamente, então é *isso* que ele diz, mas *o que ele quer* no que diz, é preciso ler. No dia seguinte vêm os comentadores dos jornais e são eles que lêem o discurso, que não tem nada a ver com os desejos de ninguém. O que se lê no discurso do ministro que não é o que ele disse não tem nada a ver com o desejo de ninguém. Ou seja, a exigência inconsciente não tem ligação direta com o desejo, não o implica.

Então, a colocação em forma analítica da demanda, ou seja, o trabalho para produzir a demanda de análise (que é o que o analisante produz), quando há uma demanda de análise, há um analisante. Aqui tenho um problema com a citação que li no início da intervenção de hoje que, para quem lê a revista Imago onde publiquei um artigo, o problema que tenho com Lacan é que não sei se ele está a dizer metaforicamente ou realmente o problema do uso do divã, porque me parece que não tem nada a ver com o divã. Parece-me que não tem nada a ver com o divã. Que a modelagem da demanda para que ela se torne uma demanda analítica é um trabalho que deve ser feito e que tem um objetivo: sua realização, que ela seja alcançada e que, uma vez alcançada, o paciente se torne um analisante. Esta passagem de paciente a analisante, que é a colocação em forma da demanda, proponho pensar que não está diretamente relacionada com o ato de deitar alguém no divã. Dizer a alguém *"deite-se no divã"* não significa precipitar a entrada em análise. Suponhamos que temos o seguinte problema: com um paciente temos uma luta de olhares insuportável, que não é uma pessoa suficientemente dócil para suportar o olhar com calma, é uma confusão onde colocar o olhar; então poderíamos dizer-lhe: *"olha, acho que não estás realmente pronto para começar uma análise, mas acho que ainda te convém ires para o divã"*, não podes dizer isso, podes dizer isso e tudo o mais. Não é necessário que o divã seja peneirado, porque é um instrumento interessante para efetuar uma certa operação sobre a palavra em detrimento do olhar, sem necessariamente colocar a procura sob a forma analítica. A pessoa poderia dizer: *"então porque é que me pões no sofá?"*, e poderíamos dizer: *"em que é que estás a pensar?"* e poderia até ocorrer à pessoa que isso tem a ver com o olhar. Outra coisa é dizer-lhe cara a cara: *"Como é que ele olha para mim, hein?"*: aqui o problema passa a ser o olhar do outro, enquanto que se o outro pergunta porquê, isso é outra questão. É um recurso que não deveria estar indissoluvelmente associado à entrada em análise, mas Lacan diz que sim, a não ser que se trate de uma metáfora.

Assim, a forma analítica da procura é aquele trabalho que, quando é concluído com sucesso a produção do analisando, o primeiro grande corte do trabalho analítico, depois a entrada em análise Representei-o com uma frase: se quisermos escrever a primeira entrevista com um doente e a última, a entrada em análise estaria certamente por aqui:



que é a passagem do paciente ao analisando, é um primeiro passo que exige muito trabalho e, por vezes, há análises muito bem sucedidas só porque são capazes de produzir isso, alguém que pode começar a ligar-se a uma posição em relação ao que diz. Quantas pessoas conhece que são insuportáveis para viver e elas próprias vivem como um inferno porque não querem ouvir nem ler o que dizem?



Compreendo que pode haver uma análise completa com alguém face a face e que pode haver uma proposta do analista de uma passagem para o divã muito apropriada para o sucesso da direção da cura sem que isso implique o início da verdadeira análise. Há três níveis que vou propor considerar para encerrar esta exposição do problema:

- a) A primeira coisa a fazer. O trabalho consiste em estabelecer a questão e desenvolvê-la, ou seja, porquê

Trabalhamos com "pessoa", não com "indivíduo", porque indivíduo é uma forma muito má de pensar a pessoa. Se quiserem ser mais sofisticados: falar de sujeito humano, não tem nada a ver com o sujeito do inconsciente, porque a *resposta* é o sujeito do inconsciente, a resposta à pergunta "porque é que te consultas ou o que te acontece", ou seja, o sujeito, é o sujeito. O sujeito do inconsciente é: *"e estou triste porque me estou a separar"*, e não *"eu, que o disse"*, porque poderíamos dizer que não é verdade: *"eu não disse isso"*, isso é o produto de um trabalho de leitura do que eu disse e, em segundo lugar, que não é necessário que eu o diga para que seja dito e tenha todo o valor. Viram quando se trata da sua dimensão mais verdadeira, o que acontece mais frequentemente comigo, que estou ligado àquilo que se poderia dizer que eu disse: na realidade, é uma enorme surpresa. Dificilmente me surpreenderia com algo que eu próprio dissesse. Portanto, o primeiro trabalho é o advento do sujeito, que não é de toda uma forma simples de dizer "a pessoa que vem", a pessoa que vem tem de estabelecer porque é que vem, qual é a questão. Esta forma de conceber o sujeito como sujeito do inconsciente, como sujeito, proponho que no trabalho a que me estou a referir há uma implicação para a singularidade. Não pode vir porque *"me separei"*, *"estou mal no trabalho"*, *"tenho problemas de sono"* e *"às vezes arrote e o médico diz que é psicossomático"*, sabe que, tudo bem que uma pessoa que tem tudo isso vá ao psicólogo, mas não tem

a questão, não está lá, falta a leitura que a questão faz dela. A questão é singular; Vocês sabem o que Lacan chama o sujeito do inconsciente em seu valor singular: *sinthoma*. O que estou a propor é o sintoma como *sinthoma*, ou seja, a condição singular, não pode ser uma multiplicidade que está em jogo. Se for uma multiplicidade, não se desespere, é preciso saber que o trabalho é muito preliminar, que ainda não se sabe. No caso da clínica, sessão a sessão, essa unicidade nunca é alcançada: a=diz 1, b=diz 2, c=diz 3 e isso continua invariavelmente, há um trabalho a ser produzido que é a singularidade, isso se chama o sujeito e a maneira de Lacan designar o sujeito em sua singularidade na clínica psicanalítica é o sintoma. Por que é necessário que seja o sintoma? Se eu digo sintoma, é muito claro que não pode ser o gozo, porque se eu digo gozo estou a erradicar a condição singular, se eu digo "gozo fálico" ou "gozo não-fálico", não sei que porra é essa, se vocês também não sabem fazemos uma comunhão perfeita, não faço ideia quando na EOL se diz "gozo fálico, gozo não-fálico, gozo fálico..." às vezes até na rua não sei dizer se é uma mina ou não é uma mina e é um travesti. Mas não estou a falar de gozo porque se eu disser de alguém: "é de gozo", estou a erradicar ex profeso qualquer condição singular. Estou a propor que o que deve ser estabelecido primeiro é a questão, e essa questão não é uma questão de gozo, é o oposto: estabelecer a condição singular.

- b) Perceberão por que razão exijo, como faz Lacan no final do seu ensino, o estabelecimento do sujeito do inconsciente na sua condição singular, o *sinthoma*, porque preciso de saber o que a pessoa que consulta quer em relação ao sujeito. Uma vez estabelecido o sujeito, se for "aroto", vai querer que passe, e viram as surpresas aí, não é: *"não, não quero que passe"*, e depois começam a aparecer as coisas nojentas: *"gostaria que fossem assim, assim"*. O que nós exigimos para o estabelecimento da demanda é qual a posição que a pessoa que consulta assume em relação ao sujeito do inconsciente... por exemplo. Não *quero saber nada disso, estou cheio de sintomas, sinto-me um burro, recomendaram-me que viesse vê-lo, quero que me ajude a livrar-me deste sofrimento porque não aguento mais, mas não quero saber nada do que surgiu*", saiba isto, não há possibilidade de análise porque a demanda não tem a possibilidade de ser convertida em demanda de análise porque a condição que a relação da pessoa que consulta com o sujeito do inconsciente deve ter é a de querer saber, a pessoa tem que querer saber. Mas, com calma, posso ver que amanhã dirão nos vossos diários: "não, este não, este não...", o facto de eu não querer saber não significa que não possa querer saber. O que eu advirto muito claramente a vocês que gerem isto, já trabalharam este problema, sabem porque é que ele não quer saber, suponhamos que tem medo de saber, porque é que tem medo de saber, talvez tenha medo de saber sobre o tema do inconsciente porque tem uma fantasia que indica que vai sofrer muito se descobrir do que se trata e então vocês terão de intervir talvez um pouco sugestivamente, assegurando-lhe que se o trabalho for bem feito, ele vai ter alívio em vez de sofrimento. Muitas pessoas enrugam-se porque dizem: *"não, não me vou envolver nesse grande problema"*. Se não se levanta a questão, não se está a trabalhar na questão. Querer saber: onde é que entra o trabalho sobre o conhecimento?

questão, ou seja, sobre o sujeito do inconsciente que a questão se coloca. Vocês sabem que para Lacan o facto de a questão se colocar é a prova da presença do sujeito no real. Que o analista possa dizer: *"para mim o seu sujeito é tal"* não basta para que o sujeito exista, o que vocês fizeram foi a manobra que poderia potencialmente fazê-lo existir, quando esse sujeito do inconsciente existisse, quando a pessoa que consulta e em torno do dizer desse sujeito se estabelecesse, fizesse uma pergunta sobre ele. Nunca confundir com a pessoa. Poder-se-ia ter dito: "podemos investigar como é a pulsão anal na esquizofrenia de rapazes finlandeses entre os 12 e os 13 anos? sim, muito interessante, mas não o vamos fazer", portanto esta investigação não existia, é preciso pô-la a funcionar, portanto é possível enunciar o tema do inconsciente mas isso não o faz existir, para que ele exista no real, para que ele produza mudanças verificáveis na vida quotidiana, é preciso que ele passe a existir e a maneira de passar a existir é que haja uma pergunta e que seja também uma pergunta com condições, estas condições são: incluir a causa, a condição particular e a história. Note-se que estou a rejeitar que a relação que exigiu a entrada em análise seja o desejo de obter um gozo do seu sistema. Miller diz que uma análise começa quando um corpo sofredor se dirige ao analista e que o trabalho começa quando ele quer tirá-lo do seu sistema e que há muita gente que não quer tirá-lo do seu sistema, é verdade, há muita gente que não quer tirá-lo do seu sistema, mas isso não significa que quem exige tirar um sofrimento do seu sistema tenha feito uma exigência analítica. Para ser analítica, a demanda deve operar não em torno de um gozo, mas em torno de um sujeito do inconsciente, um *isso que* diz algo e uma pergunta específica deve operar sobre ele, não uma pergunta qualquer, é a pergunta sobre a causa, a condição particular e a história. Por exemplo, se é uma questão que escapa à questão da causa, não pode tornar-se uma questão que dá origem a uma análise. Há pessoas que dizem: *"Bom, está bem, vamos supor que as coisas são como tu dizes, mas não quero começar a verificar de onde vem, é assim e agora o que é que fazemos com isso"*, é uma armadilha porque se não soubermos as suas causas não fazemos nada. Há muitas pessoas que trazem esta posição, no outro dia disseram-me: *"Aviso-te que nem durante seis meses"*, e na terceira entrevista vão-se embora, não foi por causa do tempo, foi por não quererem encontrar as causas.

- c) A que figura do Outro é que ele dirige o seu pedido? Então a primeira é porquê A segunda é a questão do sujeito, da posição que ele assume em relação a esse sujeito, e a terceira é a questão da figura do Outro.

(mudança de cassete)

A demanda de análise requer uma figura do Outro, vou apresentar 2 ou 3 para fechar esta exposição: médico, psicólogo e analista porque estou tentando parar de trabalhar com vocês, que a figura do Outro é um sujeito suposto saber. Não basta que o psicólogo e o médico sejam o sujeito suposto saber, porque é que sou tão influenciado pela palavra do médico se não o suponho saber, observem que o sujeito suposto saber não é suficiente para caracterizar a relação ao Outro na relação analítica pela via da transferência. Não serve para o médico porque a causa é considerada do corpo e a operação é medicada.

Poderia dizer "mas não sei se ele me toma como médica ou não", suponhamos o caso de Irene que está habilitada como médica e na Argentina os que estão habilitados como médicos podem chamá-los de "doutores", não sei por que esse truque dos médicos e advogados já que estudamos tão pouco como eles e nos chamam de licenciados, não nos deixam chamar de doutores. Como Irene sabe a quem chamam de doutor se a consultam como médica ou como psicanalista? se a pessoa que consulta acredita que a causa está no corpo e que a operação é sobre o corpo, não está a referir o seu pedido a um analista, porque para ser a um analista trata-se do sujeito do inconsciente numa lógica de saber. A um psicólogo (todos vós podeis ser considerados psicólogos): como se distingue um psicólogo de um analista, todos eles dizem "a ha", todos eles tomam notas, todos eles trazem Lacan debaixo do braço. Eu proponho que é precisamente o sintoma, o *sinthoma*, porque o psicólogo trabalha numa lógica não-singular, por exemplo, uma pessoa que intervém assim: *"um paciente disse-me que fode uma vez de dois em dois meses e pareceu-me muito estranho e eu disse-lhe "que estranho!"*

Sabem qual é a norma? O número de vezes que ele fode ou o número de vezes que ele acha que deve foder. Aqui temos um psicólogo porque ele não opera fazendo do sujeito um sujeito singular mas opera sobre uma generalidade e todos aqueles que intervêm a partir da lógica do estranho: *"pareceu-me muito estranho e eu disse-lhe"*, têm de rever isto muito bem para ver que lógica aplicam neste *"ele chama-me a atenção"* porque se é um encadeamento que de repente produz um laço que não encadeia nada, então sim, mas se é porque ele fode de dois em dois meses, estão a intervir mesmo que usem um divã, leiam Lacan e sejam analisados em Paris, como psicólogos. Se o paciente lhe perguntar: *"isto é normal?"*, deve saber que este pedido implica uma conotação que não é analítica, porque se dirige a um psicólogo, mesmo que queira analisar-se com um analista, porque sabe que as terapias com um analista são mais profundas. Por outro lado, a posição do psicólogo é não causal, a maior parte dos psicanalistas lacanianos, neste ponto, é não causal: "é um gozo", e não perdem tempo a procurar a causa desse gozo, porque isso é neurótico para eles, porque há sempre um gozo, então para quê procurar a causa se é preciso identificar-se com o sintoma. Há aí um grande problema porque o gozo, exceto na sua singularidade, não é causal, portanto não se trata de gozo mas da sua singularidade e na sua singularidade não é nem fálico nem não-fálico. Um doente: entre as 12 e a 1 da tarde tem sono onde quer que esteja, não é uma brincadeira, bateu com o carro com muita força porque adormeceu enquanto conduzia, esta sonolência que tem é uma modalidade de gozo. Se se propõe ao sujeito uma procura da causa, o que se está a dizer direta e necessariamente é que ele não sabe. Se se diz "é um gozo", disseram a um amigo meu: *"o que acontece é que tens um gozo incorporado no teu fantasma"*. Compreendem o que isso significa, uma posição de alguém que é ultra laciano e que toma a posição de quem sabe, já sabe e a questão é elidida no ponto do porquê. Porque isso parece ser uma essência das coisas e *"porque raio é que eu tenho um gozo inscrito no meu fantasma, porque é que tu não o tens"*, o que é muito provável, viste que estas coisas são ultraprojectivas, deve estar a acontecer a mesma coisa a este tipo e ao analista, mas o analista tem estas coisas inscritas nele há 30 anos, são ultraprojectivas. Embora se discuta muito sobre o sujeito suposto saber, em primeiro lugar, há muitas figuras do sujeito suposto saber no Ocidente que não têm nada a ver com o analista e, por outro lado, o analista é fundamentalmente alguém a quem se dirige uma demanda inconsciente, afirmando que em algum momento ele não sabe. Finalmente, a demanda de análise também está implicada na figura que se dirige ao analista.

Outro que paga com a sua pessoa, nos outros não. Por exemplo, leiam os casos dos pacientes de Freud com Freud, viram o que toda a comunidade de pacientes, discípulos, alunos e colegas chamava a Freud, sabem o que Freud chamava à psicanálise: "das ding", a coisa, por isso Lacan escreveu "A coisa freudiana" e toda a gente chamava a Freud "o professor". O que estou a dizer é que a exigência a Freud dirigida como o professor exigia explicitamente, e implicitamente, que Freud fosse o professor; não é uma exigência analítica porque nesse pacto não se exigia que ele pagasse com a sua pessoa. No imaginário que me representa, tenho de admitir que, por vezes, os analistas desconhecidos, não os famosos, produzem muito melhores resultados em casos difíceis do que os papas, porque os papas têm uma pessoa muito fixa, a pessoa é muito reconhecível, a pessoa com o microfone, como uma personagem do teatro na Grécia, onde as tragédias já eram representadas como peças em que se usavam megafones para falar, per sona: soa através; essa pessoa é uma personagem do teatro. Na medicina, por exemplo, sou muito sugestionável aos médicos com muita gente: *"não te preocupes, meu amigo, vais ficar bem"* e já me sinto melhor, mas se é um rapazinho que vem com a ambulância com o cabelo assim, que diz *"bem, não sei", fico com uma sensação de merda, fico com uma sensação de merda*. Atenção que, se o vão procurar como um "grande analista" ou, por exemplo, "procuro uma analista mulher", "procuro um jovem analista", há um problema porque não vai poder participar na transferência como a singularidade desse caso exige, já está defensivamente colocado como pessoa para que não haja análise, pelo que tem de se inscrever na evolução do caso se há ou não condição de pessoa ou se há apagamento de pessoa, exigimos que haja apagamento de pessoa. Há aqueles casos de *"da última vez pareceu-me que pela primeira vez te aborreceste com o que eu estava a dizer"*, lá está, porque tu, o pobre coitado que está sempre a prestar atenção ao que o doente te diz, a tentar não adormecer depois do almoço no consultório, que está ali a discutir, tu não és esse tipo, tu é que lhe pareceste que *"começaste a aborrecer-te"*. Qual é o rosto de começar a aborrecer-se, aí já se pagou com a pessoa, já há um analista possível porque começou a ser alguém em função dessa história e da singularidade desse encontro nesse caso com esse texto que vai ter de ser lido: quem é que começou a aborrecer-se e mantém, não quando ela começou a falar, quando alguém começou a falar, talvez uma mulher, talvez não, talvez uma criança, talvez não...? Não sei; é muito importante que percebam que em relação ao sujeito suposto saber, temos que rever muito bem o que Lacan quis dizer; sujeito suposto saber, todos os profissionais do Ocidente são assim porque o Ocidente gerou a figura do sujeito suposto saber, noutras culturas há outras formas.

Andrea Leiro: se assim o entenderem, vamos abordar o próximo na quinta-feira, 22 de maio, uma vez que não há propostas para essa data.

A.E.: **Proponho-me** trabalhar com o que consta da transcrição da reunião de hoje e, se não se importarem, seria bom para mim se pudessem tomar o artigo que publiquei na Imago como parte do material.